

Série
**ORIENTAÇÕES PARA
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

AVALIAR



Série
**ORIENTAÇÕES PARA
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

AVALIAR





© **Senac-SP 2016**

Administração Regional do Senac no Estado de São Paulo

Diretor do Departamento Regional

Luiz Francisco de A. Salgado

Superintendente Universitário e de Desenvolvimento

Luiz Carlos Dourado

Gerência de Desenvolvimento 4

Roland Anton Zottele

Gerência de Desenvolvimento 4 | Grupo Educação | Posicionamento Educacional e Representação Política

Ana Luiza Marino Kuller

Coordenação e Elaboração

Rosilene Aparecida Oliveira Costa

Consultoria Técnica

Ana Lúcia Silva Souza

Grupo Educação – Desenho Educacional

Rosiris Maturo Domingues

Grupo Educação – Supervisão Educacional

Marisa Durante

Colaboração

Grupo Educação – Posicionamento Educacional e Representação Política

Assistentes de Projetos Educacionais

Amanda Sousa de Oliveira

Paula Madeira Gomes

Edição e produção

Edições Jogo de Amarelinha





Série

ORIENTAÇÕES PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A série Orientações para Prática Pedagógica tem como objetivo oferecer diretrizes, concepções e orientações sobre a prática pedagógica e, assim, contribuir para o alinhamento da ação educativa dos agentes educacionais do Senac São Paulo.

A série é composta inicialmente por cinco guias que abordam os aspectos que fundamentam o processo de ensino e aprendizagem. São eles:

- **Jeito Senac de Educar**

Apresenta as diretrizes que fundamentam a prática pedagógica da instituição e consolidam o Jeito Senac de Educar.

- **Planejar**

Apresenta os principais aspectos que subsidiam e compõem o planejamento do processo de ensino e aprendizagem, destacando as características do Plano Coletivo de Trabalho Docente e do Plano de Aula.

- **Projeto Integrador**

Apresenta orientações sobre o desenvolvimento do trabalho por projetos: o planejamento do projeto integrador, as fases para o seu desenvolvimento, assim como a avaliação.

- **Mediar**


Apresenta orientações sobre a mediação docente, bem como a organização do processo de ensino e aprendizagem.

- **Avaliar**

Apresenta orientações sobre a avaliação do processo de ensino e aprendizagem, abordando as dimensões da avaliação, o acompanhamento da evolução das aprendizagens e os instrumentos e estratégias para avaliar.

Este material foi construído colaborativamente pelos educadores do GEDUC, com importante contribuição das unidades escolares, inclusive aquelas que fazem parte do grupo Pontes.

Portanto, trata-se de um material dinâmico, em constante atualização, contemplando necessidades e expectativas de docentes e outros agentes educacionais, na busca da melhoria e aprimoramento contínuo da ação educacional.



The image features a large, abstract geometric pattern in various shades of green, composed of numerous overlapping triangles and polygons. This pattern occupies the left and top portions of the page, forming a large triangular shape that points towards the top right. The word "SUMÁRIO" is written in white, bold, uppercase letters within this green area.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
 1. O que é avaliar?.....	8
1.1 Dimensões da avaliação – Sistema de avaliação educacional.....	10
1.2 Modelo educacional: o processo de avaliação da aprendizagem no Senac.....	12
1.2.1 Elementos curriculares do processo de avaliação.....	14
1.2.2 Indicadores da Competência.....	15
1.3 Diagnóstica, formativa e somativa: afinal o que é isso?.....	18
1.3.1 A função diagnóstica da avaliação.....	19
1.3.2 A função formativa da avaliação.....	21
1.3.3 A função somativa da avaliação.....	23
1.4 Acompanhamento da aprendizagem.....	24
1.4.1 Resultados parciais.....	24
1.4.2 Resultado final.....	27
1.5 O registro do acompanhamento das aprendizagens.....	29
1.6 Feedback: devolutivas sobre o avanço das aprendizagens.....	31
1.7 Ações de recuperação da aprendizagem.....	33
1.8 A autoavaliação docente.....	37
1.9 A autoavaliação do aluno.....	38
1.10 A avaliação de pessoas com deficiência.....	39
 2. Processo de planejamento da avaliação.....	42
2.1 Estratégias para avaliação da aprendizagem	43
2.1.1 Sugestões de estratégias para avaliação da aprendizagem.....	45
 Bibliografia.....	53

The image features a large, abstract geometric pattern in various shades of green, composed of numerous overlapping triangles and polygons. This pattern occupies the left and bottom portions of the page, creating a dynamic, low-poly background. The right side of the page is a solid white space.

INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem é um tema complexo e controverso, definido por alguns autores como um “grande nó da educação”.

Você já ouviu falar, por exemplo, em avaliação formativa, contínua e qualitativa? Sabe que essas palavras nos remetem a diferentes modos de conceber a avaliação? Essas e outras questões serão abordadas neste livro.

De acordo com os princípios da Proposta Pedagógica do Senac São Paulo, o **processo de avaliação** é uma prática intencional, sistemática e organizada e acontece durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Assim, avaliar pressupõe definir princípios, estabelecer instrumentos para a ação e escolher os caminhos para atingir o fim, levando-se em consideração todos os elementos envolvidos no processo, em função dos objetivos que se pretende alcançar (Rios, 1998).

As informações coletadas com as avaliações realizadas ao longo do processo de ensino e aprendizagem devem auxiliar as decisões que contribuirão para proporcionar aprendizagem e desenvolvimento.

Nesse livro, inicialmente, apresentaremos as dimensões da avaliação bem como suas funções, com destaque para a avaliação formativa.

Em seguida, estudaremos o acompanhamento da evolução das aprendizagens, contemplando a atribuição de resultados parciais e finais, o registro, a recuperação e a autoavaliação.

Por fim, encerramos o capítulo com o planejamento da avaliação, sugerindo estratégias para a realização desse processo.

Boa leitura!

1. O QUE É AVALIAR?

A palavra avaliar tem origem no latim a-valere, cujo significado é “**dar valor a**”; remete a algo que será mensurado, apreciado, que haverá a busca de um resultado e do seu valor.

No cenário educacional, a palavra **avaliação** é permeada por muitos significados. Convivemos com modelos educacionais diferenciados, uma transição lenta e complexa entre o tradicional e o inovador. As mudanças avançam com morosidade e dificuldade e pouco alcançam a sala de aula. Há resistência e temor em relação ao novo, principalmente em relação à avaliação no processo de ensino e aprendizagem.

Modelos tradicionais de educação cristalizaram um formato para o processo avaliativo que pouco dialoga com inovações metodológicas ou concepções mais flexíveis, dialógicas e participativas. Esses modelos guardam a noção de poder e controle, de instrumento que está à mão para inúmeros fins, nem sempre ligados à aprendizagem.



REFLITA

Quais experiências com avaliação você teve durante a sua trajetória como estudante: na Educação Básica; no Ensino Superior?

Quais sensações o período de avaliação despertava em você?

Era um período tranquilo ou gerava ansiedade? Era justo?

**A avaliação não é uma tortura medieval.
(PERRENOUD, 1999)**

São abordagens em que a avaliação está apartada da aprendizagem, gerando a dicotomia entre aprender e avaliar: primeiro ensinamos e depois avaliamos. Nessa abordagem, a avaliação está ao final do processo, para mensurar e classi-

ficar os resultados de um percurso formativo. Ela não retroalimenta a construção do conhecimento.

Esse modelo, porém, pouco a pouco tem sido superado por novas concepções sobre educação, decorrentes de movimentos, educadores e pesquisadores que trouxeram a perspectiva de **construção ativa do conhecimento**, ideias que conferem maior qualidade à ação de avaliar e a trazem de volta ao seu lugar original: essencial e indissociável do processo de ensino e aprendizagem.

E o que os estudiosos dizem sobre a avaliação?

Avaliar pressupõe definir princípios, em função de objetivos que se pretendem alcançar, estabelecer instrumentos para a ação e escolher caminhos para atingir o fim; **verificar constantemente a caminhada**, de forma crítica, levando em consideração todos os elementos envolvidos no processo. [grifo nosso]

Terezinha A. Rios

A avaliação é essencial à educação. **Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização**, questionamento, reflexão sobre a ação". A avaliação é a reflexão transformada em ação, **não podendo ser estática nem ter caráter sensitivo e classificatório**. [grifo nosso]

Jussara Hoffmann

[...] o ato de avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma **intervenção para a melhoria dos resultados**, caso seja necessária. Assim, a avaliação é diagnóstica. Como investigação sobre o desempenho escolar dos estudantes, ela gera um conhecimento sobre o seu estado de aprendizagem e, assim, tanto é importante o que ele aprendeu como o que ele ainda não aprendeu. O que já aprendeu está bem; mas, **o que não aprendeu** (e necessita de aprender, porque essencial) **indica a necessidade da intervenção de reorientação..., até que aprenda**. [grifo nosso]

Luckesi

Uma verdadeira avaliação é aquela que **é útil à tomada de decisões**, viável e prática na sua condução, ética no respeito a pessoas, grupos, instituições e precisa, ou seja, tecnicamente correta no uso de instrumentos adequados. [grifo nosso]

Thereza Penna Firme

Como você pode ver, é consenso para esses autores o fato de que a avaliação, no contexto escolar, é muito mais que aferir resultados ao final de um processo, é um instrumento que visa a aprendizagem.



REGISTRE

Avaliar é direcionar e redirecionar todo processo formativo, como uma bússola que aponta onde estamos e orienta a direção a seguir.

1.1 Dimensões da avaliação – Sistema de avaliação educacional

A avaliação é um sistema complexo e integrado que vai além da sala de aula. Observe:

Figura 1 – Integração entre diferentes tipos de avaliação



A **avaliação em nível internacional** estabelece padrões de desempenho que são referência para a construção de diretrizes e metas para os sistemas de ensino entre os diversos países do mundo.

A **avaliação em nível nacional** tem a finalidade de verificar a qualidade do ensino em um determinado país.

Esses dois níveis de avaliação, até o presente momento, não contemplam a educação profissional.

A **avaliação institucional** está voltada para o interior de uma instituição de ensino e tem como objetivo analisar todos os componentes do processo educacional: currículos, desempenhos de professores, materiais didáticos, infraestrutura, impacto social, impacto no mercado, entre outros. Ela se divide em avaliação interna e externa:

- A **avaliação interna** é realizada por meio de instrumentos avaliativos e análises sistemáticas de resultados, junto à comunidade institucional. É aplicada de acordo com a modalidade de ensino. Atua, fundamentalmente, nas seguintes dimensões: projeto pedagógico, infraestrutura, corpo docente, coordenação de curso, corpo técnico-administrativo e evolução profissional de alunos e egressos.
- A **avaliação externa** atende diretrizes expressas em documentos e sistemas do Ministério da Educação e do Conselho Estadual de Educação.

Os resultados dos processos avaliativos, internos e externos, são tomados como aportes para a gestão acadêmica e administrativa. Além disso, auxiliam a busca contínua pela excelência no ensino, a melhoria dos processos internos e o desenvolvimento de novos cursos e programas.

A **avaliação curricular** refere-se especificamente ao currículo, entendido como todas as atividades curriculares de uma instituição de educação.

A **avaliação da aprendizagem** está diretamente ligada a todos os outros níveis, acontece no âmbito da sala de aula, laboratórios, oficinas, e é de responsabilidade do docente.

Neste livro, enfocaremos a **avaliação da aprendizagem**. Acompanhe.

1.2 Modelo educacional: o processo de avaliação da aprendizagem no Senac

A **Proposta Pedagógica do Senac São Paulo** fundamenta-se em princípios norteadores de um modelo educacional no qual a avaliação colabora para a superação de desafios e o consequente avanço das aprendizagens.

Na perspectiva de aprendizagem com autonomia, avaliar faz parte do processo educacional. É momento de revisão do processo de ensino e aprendizagem, que serve para repensar e replanejar a prática pedagógica. É, sobretudo, qualitativa e diagnóstica. Considera os conhecimentos prévios dos alunos e enfoca o desenvolvimento individual e coletivo. (Senac, 2005)



REPERTÓRIO

Conhecimento prévio: designa os saberes que os alunos possuem e que são essenciais para o aprendizado. Na década de 1920, Jean Piaget identificou as estruturas mentais como condições prévias para aprender. Nos anos 1960, David Ausubel chamou de conhecimento prévio os conteúdos fundamentais para adquirir novos conhecimentos. Fonte: FERNANDES, Elisângela. Conhecimento prévio: Entenda por que aquilo cada um já sabe é a ponte para saber mais. 2011. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/conhecimento-previo-esquemamas-acao-piaget-621931.shtml?page=3>> Acesso em: 20/08/2016

O Senac considera que o processo de avaliação na educação profissional é uma prática intencional, sistemática e organizada com o objetivo de verificar o desenvolvimento de competências dos alunos, e que:

- contribui para o desenvolvimento de competências;
- fornece subsídios para o acompanhamento do desenvolvimento das competências dos estudantes;
- fornece subsídios para orientar a ação educativa do docente.

A avaliação da aprendizagem é uma ação mediada pelo docente, orientada pelos princípios de uma metodologia ativa, na qual as situações de aprendizagem e situações de avaliação estimulam a participação crítica, criativa e altamente significativa, na qual o aluno ocupa a centralidade do processo.

E como avaliar competências? Avaliar competências é uma forma abrangente de avaliar a aprendizagem. Uma competência é composta por conhecimentos, habilidades e atitudes/valores e o seu desenvolvimento acontece por meio de situações de aprendizagem. Para avaliar competências, é necessário considerar:

- os conhecimentos técnico-científicos necessários para a realização da ação (profissional);
- as habilidades que concretizam a ação (fazer profissional);
- as atitudes e valores que norteiam e qualificam a ação profissional.

Conhecimentos, habilidades e atitudes/valores são dimensões de uma competência. Portanto, são complementares e integrados, não podem ser dissociados porque a competência se manifesta na ação. O desafio, tanto para o desenvolvimento da competência quanto para a avaliação, é que não haja divisão entre teoria e prática, ou fragmentação das dimensões, com situações específicas para avaliar conhecimentos, outra para "o fazer as habilidades". As situações de aprendizagem podem se configurar também como situações de avaliação, já que promovem a aprendizagem e propiciam a observação do desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a avaliação visa acompanhar, identificar e regular o avanço da aprendizagem dos alunos, por meio de acompanhamento/monitoramento contínuo, ao longo de todo o processo educativo.

Vale lembrar que o aprendizado não é linear. É comum observarmos que acontecem avanços e retrocessos, até que haja a acomodação da aprendizagem e a

competência de fato se consolide. Assim, é importante cuidarmos para não estabelecermos juízos de valor, rótulos ou estigmas, tais como fraco, forte, lento ou bom, que podem influenciar a tomada de decisões e comprometer as devolutivas aos alunos. As pessoas são diferentes e aprendem de formas diferentes, **a homogeneidade é um mito.**



REPERTÓRIO

A escola é o lugar não só de acolhimento das diferenças humanas e sociais encarnadas na diversidade de sua clientela, mas fundamentalmente o lugar a partir do qual se engendram novas diferenças, se instauram novas demandas, se criam novas apreensões sobre o mundo já conhecido. Em outras palavras, escola é, por excelência, a instituição da alteridade, do estranhamento e da mestiçagem – marcas indelévels da medida de transformalidade da condição humana. (AQUINO, 1998)

Sendo assim, o processo de ensino e aprendizagem deve estar pautado na transparência de objetivos e metas: **o aluno deve saber o que será avaliado e como a avaliação irá acontecer.** Os indicadores da competência devem ser compartilhados para que o aluno os compreenda e possa participar e decidir sobre a sua formação.

1.2.1 Elementos curriculares do processo de avaliação

Como você já sabe, a estrutura curricular do Senac é composta por Unidades Curriculares:

- UC – Competência;
- UC – Projeto Integrador;
- UC – de natureza diferenciada: estágio, prática profissional.

A **Competência** desdobra-se em:

- **Elementos:** são insumos para o desenvolvimento da competência. Eles são organizados pelas dimensões da competência: conhecimentos, habilidades e atitudes/valores.
- **Indicadores:** são evidências do desenvolvimento de cada competência. Os indicadores objetivam verificar se o aluno desenvolveu ou não a competência, facilitando sua análise.

As orientações sobre cada curso estão nos **Planos de Curso** e no **Plano de Orientação para a Oferta**, documentos norteadores para o planejamento das ações.

1.2.2 Indicadores da Competência

O indicador é um referencial que indica ou serve de indicação.

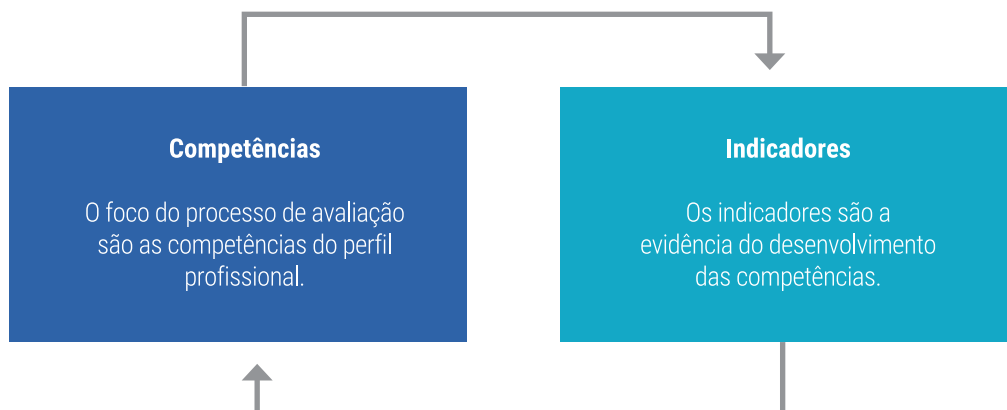
Há muitas definições para os indicadores e as características de sua natureza.



REGISTRE

Indicadores são evidências que permitem verificar o alcance do fazer profissional manifesto na competência; visando a regulação da aprendizagem no processo de avaliação contínua, conferem foco e objetividade à ação **avaliar**.

Figura 2 – Competências e Indicadores



[...] a avaliação, como a vejo, pode ser uma “grande janela”, através da qual podemos entrar e alterar as nossas práticas cotidianas, ou seja, o nosso projeto pedagógico. Com isso queremos significar que através da janela da avaliação é possível alterar o que desenvolvemos na sala de aula, a relação com os colegas da Escola, prevendo a própria concepção da Escola como um todo. (Centro de Referência em Educação Mário Covas, Governo do Estado de São Paulo)

Os indicadores da competência direcionam/norteiam o monitoramento e o acompanhamento do processo do desenvolvimento da competência, apontando o desempenho do aluno em relação às expectativas de aprendizagem. A avaliação orientada pelos indicadores da competência contribui para que a tomada de decisões seja mais objetiva.



REGISTRE

Cada indicador mostra uma aprendizagem relevante para o alcance da competência.

Atenção!!! A avaliação não é um check list dos indicadores. **A avaliação é orientada pelos indicadores da competência.** Eles devem ser sempre **analisados em conjunto** para determinar se a competência foi desenvolvida.

Os indicadores estão definidos no Plano de Curso. Vamos compreender a lógica de construção de um indicador para melhor interpretá-lo. Eles são elaborados baseando-se na seguinte estrutura de redação:

Verbo na 3ª pessoa do presente	Objeto + Contexto/condição
Seleciona	Serviços turísticos que constarão no roteiro ou itinerário segundo a demanda.
Representa uma ação profissional observável	Indica o fazer profissional + o contexto/condição na qual é realizado. Mobiliza conhecimentos, atitudes e valores.

Observe que:

- um indicador descreve uma **ação observável** do aluno por meio de uma situação de aprendizagem ou por estratégias ou instrumento de avaliação;
- está associado a um ou mais **elementos da competência** (conhecimentos, habilidades e atitudes/valores);
- **explicita** a aprendizagem esperada, evidenciando o desenvolvimento da competência;
- **é compreensível** para todos os envolvidos no processo: alunos e agentes educacionais;
- define o **parâmetro** pelo qual o aluno será avaliado.

É importante perceber que, mesmo orientada por indicadores pré-definidos, a avaliação, normalmente, conta com o fator da subjetividade, com os indicadores de participação ocultos. São aspectos nem sempre explicitados pelos docentes e mesmo assim são considerados, como assiduidade, pontualidade, postura, personalidade. Tendo clareza em relação a isso, o educador deve perguntar-se constantemente se, de alguma forma, sua análise está influenciada por aspectos que não fazem parte dos critérios acordados, presentes no currículo de cada curso e voltar a atenção para os indicadores da competência.

Há pessoas chatas, agressivas, dispersas, tímidas, entre outros. Se considerarmos que uma determinada característica pessoal poderá atrapalhar o aluno em uma determinada ação profissional, o docente deve promover uma conversa ou

uma atividade que generalize a questão e possa ajudá-lo na superação. Discuta o caso com colegas e com a área técnica para decidirem a melhor abordagem, evitando, assim, ruídos e distorções na avaliação. Sabemos que a subjetividade é inerente, no entanto, é preciso manter o foco nos critérios definidos para a avaliação para mantermos a ética na relação educacional.

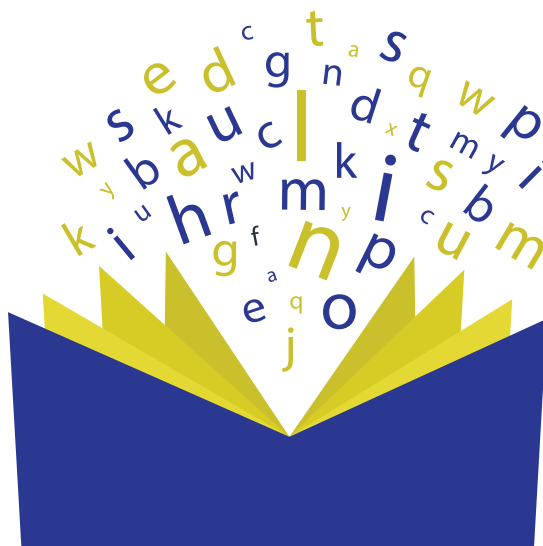
1.3 Diagnóstica, formativa e somativa: afinal o que é isso?

Estes termos são comumente utilizados quando falamos de avaliação. Inicialmente, é preciso compreender o que significam: as funções são a finalidade da avaliação, o papel a ela atribuído no processo de ensino e aprendizagem.

A aprendizagem é uma construção ativa de significados, **a avaliação é um elemento/componente intrínseco ao processo educativo, fundamental para alimentar e realimentar a prática pedagógica**. A avaliação está presente em toda a trajetória formativa, assumindo funções que contribuem para a **constituição de nova cultura avaliativa**, comprometida com a aprendizagem e sua regulação.

As funções são complementares e integradas, acontecem conjuntamente e atribuem qualidade à avaliação do desenvolvimento de competências.

Ao longo deste trabalho, definiremos o alcance de cada função e suas contribuições para a práxis educacional, na perspectiva da construção de uma “nova” cultura avaliativa.



Quadro 1 – Funções da avaliação

Funções	Objetivo	Quando acontece	O que detecta	O que permite
Diagnóstica	Investigar	Ao se iniciar uma situação de aprendizagem, no começo e ao longo da Unidade Curricular.	O que o aluno traz de compreensão sobre a competência, seus indicadores e elementos constituintes.	Identificar o grau de domínio prévio da competência, seus indicadores e elementos; ajustar a abordagem docente; detectar dificuldades de aprendizagem.
Formativa	Acompanhar	Durante a realização de uma situação de aprendizagem, ao longo das Unidades Curriculares.	O que o aluno está aprendendo; a adequação entre o que foi planejado e as características da turma; quem necessita de recuperação paralela.	Contribuir para o desenvolvimento de competências, corrigindo rotas; recuperar alunos com desempenho abaixo do esperado; executar ações diferenciadas que permitam a todos desenvolver a competência.
Somativa	Atestar	Ao se finalizar uma situação de aprendizagem e ao longo e no término das Unidades Curriculares.	O que o aluno aprendeu em cada situação de aprendizagem e os saberes demonstrados nas estratégias e instrumentos de avaliação; o alcance entre o que foi planejado e o resultado final da Unidade Curricular.	Identificar os alunos aprovados; avaliar o planejamento docente; subsidiar novos planejamentos para as Unidades Curriculares.

1.3.1 A função diagnóstica da avaliação

O início das atividades é o momento de conhecermos nossos alunos, de identificarmos perfis, características, desejos e até mesmo contextos históricos e sociais. Essas informações podem influenciar e redirecionar todo o planejamento inicial, uma vez que o foco central de toda ação é o aluno e o seu desenvolvimento.



REGISTRE

Exemplos de perguntas genéricas, aplicáveis em cada contexto e que devem ser adaptadas a cada situação: início de uma situação de aprendizagem; início de uma Unidade Curricular etc.

- Quem são os alunos?
- Quais as suas expectativas?
- O que já sabem sobre a área?

Os primeiros dias de aula inauguram o modo como serão estabelecidas as relações entre todos os atores do percurso formativo. Ao mesmo tempo em que o docente “investiga” as características dos seus alunos, estes também buscam pistas de como será a trajetória do curso. Para alguns alunos, pode ser o início de uma carreira, para outros, aperfeiçoamentos; agora, para o docente, sempre será mais um momento de desafio em sua trajetória profissional.

É um dever ético da nossa profissão dizer aos estudantes para que serve o aprendizado. (HADJI, 2001)

Na **avaliação diagnóstica**, o docente tem “olhos de lince” em relação à situação que se desenrola na sala. Ele anota, circula, provoca, enfim, colhe pistas para a orientação do seu trabalho.



REGISTRE

A avaliação diagnóstica tem dois objetivos básicos: identificar as competências do aluno e adequar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem. No entanto, os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não devem ser tomados como um “rótulo” que se cola sempre ao aluno, mas sim como um conjunto de indicações a partir do qual o aluno possa conseguir um processo de aprendizagem. (BLAYA, 2007)

1.3.2 A função formativa da avaliação

A avaliação formativa, também conhecida como **avaliação para as aprendizagens**, visa a melhoria, o aprimoramento e o redirecionamento das ações educativas para o êxito do processo ensino e aprendizagem.

[...] Proponho considerar como formativa toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino. [...] (PERRENOUD, 1999)

Avaliar continuamente implica na constância do acompanhamento sistemático e objetivo da evolução das aprendizagens, o monitoramento do progresso, bem como a identificação das dificuldades de aprendizagem a serem superadas.

Figura 3 – Movimento cíclico da avaliação



Nessa perspectiva, a avaliação não apenas mensura um desempenho, mas contribui ativamente para que ele seja construído e reconstruído, um movimento cíclico, predominantemente formativo, já que as informações alimentam e retroalimentam a prática pedagógica.

Podemos pensar ainda nos pressupostos para a avaliação formativa:

- Avalia-se sempre para agir: a avaliação deve ser útil, ou seja, os seus resultados precisam alimentar uma nova ação, dar pistas sobre o caminho a seguir.
- A avaliação pode influenciar a autoimagem e a segurança/confiança do aluno. Assim, as devolutivas devem ser objetivas, mas também motivadoras: precisam apontar carências e lacunas, mas reconhecer a potencialidade de cada aluno e indicar os caminhos para o aprimoramento.
- A proximidade, a interação e a dialogicidade na relação aluno/docente são pressupostos básicos para a avaliação formativa. Essa dinâmica promove um elo de cumplicidade e confiança entre aprendiz e educador fortalecido pelo compromisso e objetivos comuns: desenvolvimento e avanços na aprendizagem.
- A observação é um olhar avaliativo com perspectiva formativa, um acompanhamento cuidadoso e individualizado, pautada nos indicadores da competência, sempre a favor da regulação da aprendizagem. A observação deve considerar a diferenciação dos sujeitos. Mesmo que tenhamos um foco para o ponto de chegada, há de se convir que nem todos chegarão da mesma forma. As potencialidades são diferentes, as pessoas possuem características diferentes e maneiras diferenciadas de demonstrar aprendizagem.
- A observação é formativa quando permite orientar e otimizar as aprendizagens em curso, sem a preocupação de classificar, certificar, selecionar.



REGISTRE

A avaliação formativa busca a observação de um sujeito integral para abarcar o todo da aprendizagem.

Importa pensar também sobre a regulação das aprendizagens, uma ação decorrente das informações obtidas no processo de avaliação. Ela aponta sucessos e fragilidades e alimenta o redirecionamento do percurso formativo. **Regular aprendizagens é realizar a gestão do processo de ensino e aprendizagem.** É a oportunidade para rever o planejamento, reformular as situações de aprendizagem, pesquisar e utilizar novos recursos didáticos e revisar carga horária.

A regulação das aprendizagens possibilita que tenhamos uma rápida ação sobre os acontecimentos para a previsão e a revisão quase imediata de uma determinada ação.



REFLITA

Como a avaliação deve favorecer a regulação das aprendizagens?

1.3.3 A função somativa da avaliação

Durante todo o processo de ensino e aprendizagem, o docente irá observar a evolução das aprendizagens e registrar suas observações.

É, nesse contexto, que a avaliação somativa vai tomando corpo para que possamos chegar a uma conclusão e tomar uma decisão sobre o resultado final do desempenho do aluno.

Conforme Gil (2006), essa avaliação visa

... determinar o alcance dos objetivos previamente estabelecidos. Visa elaborar um balanço somatório de uma ou várias sequências de um trabalho de formação e pode ser realizada num processo cumulativo, quando esse balanço final leva em consideração vários balanços parciais.

(Gil, 2006)

No Senac, compreendemos que a aprendizagem nunca termina, que as capacidades aprimoram-se e atualizam-se continuamente, mas há um momento particular de fechamento de etapas, nos encerramentos de cada Unidade Curricular e no final do curso.

1.4 Acompanhamento da aprendizagem

1.4.1 Resultados parciais

Para cada competência, há um grupo de indicadores que será analisado conjuntamente. Eles sinalizam a aproximação do aluno ao alcance do fazer esperado.

- Definimos quais os saberes serão mobilizados em cada situação de aprendizagem e estabelecemos a relação com os indicadores da competência.
- Observamos como o aluno resolve os desafios promovidos pela situação de aprendizagem.

O acompanhamento do aluno deve ser registrado continuamente pelo docente, para que possa analisar a evolução da aprendizagem bem como fazer os ajustes necessários em seu planejamento.

- Quando o aluno realiza plenamente uma ação, consideramos que o indicador da competência foi **Atendido**.

- Quando o aluno realiza uma ação, mas há aspectos a serem aprimorados, consideramos que o indicador da competência foi **Parcialmente Atendido**.
- Quando o aluno ainda não realiza a ação, com muitos aspectos a serem aprimorados e desenvolvidos, consideramos que o indicador da competência ainda **Não** foi **Atendido**.

Figura 4 – Indicadores



Sabe-se que todos os indicadores têm a sua importância para a concretização da ação profissional. No entanto, nem sempre um aluno consegue, de forma plena, realizar todas as ações previstas. Nesse caso, teremos indicadores **Não Atendidos** ou **Parcialmente Atendidos** durante o processo de avaliação.



REFLITA

Como você irá decidir sobre o resultado final, em um processo avaliativo, quando se deparar com o indicador **Não Atendido** ou **Parcialmente Atendido**?

Saiba que um cenário como o indicado acima não indica que o aluno não desenvolveu a competência, mas sinaliza que a competência não foi desenvolvida de forma plena. Não atender a um indicador significa que ele não consegue realizar uma ação adequadamente/plenamente.



REGISTRE

Nas situações exemplificadas, o docente deverá analisar o conjunto de indicadores para verificar se o indicador **Não Atendido** ou **Parcialmente Atendido** irá comprometer a competência, a ação ou o fazer profissional.

Deverá analisar se o aluno possui potencialidades que superam essa lacuna do desenvolvimento. Nesses casos, mesmo com resultado de **Não Atendido** ou **Parcialmente Atendido** no acompanhamento de um indicador, a competência poderá ser considerada **Desenvolvida**. Há indicadores que apresentam ações que poderão ser aperfeiçoadas no contexto do trabalho ou mesmo em outras UCs durante o curso. E essa análise será mais rica e consistente se acontecer em reunião com o grupo de docentes para que possam avaliar o **desenvolvimento integral do aluno**.

O docente poderá realizar quantos registros considerar necessários. A composição início, meio, fim abarca quase a totalidade do processo. Recomenda-se a realização de pelo menos dois registros durante cada Unidade Curricular, para cada indicador da competência.

Veja um exemplo de registro.

Unidade Curricular – Recepcionar e atender clientes no meio de hospedagem	Menção – UC		Frequência – UC	
	Resultado UC:			
Indicadores	Registros com foco nos Indicadores			
	Registro parcial	Registro parcial	Registro parcial	Registro Final Indicadores
Comercializa serviços turísticos e de apoio ao turismo conforme perfil e demanda do cliente.	durante o processo			Ao final do processo
Recebe clientes, identificando suas características.				
Presta informações atualizadas sobre serviços e produtos do meio de hospedagem e da localidade.				

O registro nos conta uma história. Dessa forma, não é recomendável modificar um resultado, por exemplo, se registramos que em determinado momento do curso o resultado foi **Não Atendido** e em outro momento **Atendido**, é importante que conste nos registros a trajetória dessa evolução.

Notas ou conceitos têm por objetivo registrar os resultados da aprendizagem do educando numa determinada instituição escolar [...] Eles expressam o testemunho do educador ou da educadora de que aquele estudante foi acompanhado por ele(a) e aprendeu o suficiente [...] Nada mais que isso. [...] O que ocorreu historicamente é que notas ou conceitos passaram a ser a própria avaliação, o que é uma distorção.(LUCKESI, 2005)

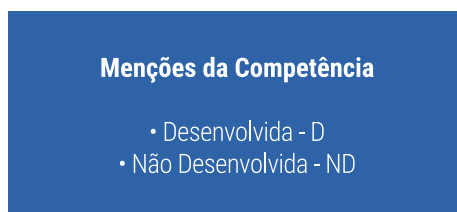
Dessa forma, teremos uma informação precisa e organizada para todos os envolvidos no curso, subsidiando as decisões do grupo de docentes e do Conselho de Curso.

1.4.2 Resultado final

O resultado final da competência acontece depois de esgotadas as estratégias, inclusive de recuperação das aprendizagens, que possibilitariam o desenvolvimento e o aprimoramento de uma determinada competência. A conclusão é o resultado de um longo processo, contínuo, formativo de uma análise qualitativa e não a mera somatória de resultados.

A menção nasce do fechamento da análise do desenvolvimento do aluno, o resultado para cada Unidade Curricular será **Desenvolvida ou Não Desenvolvida**.

Figura 5 – Menção



A menção é atribuída ao final de cada Unidade Curricular, seja ela UC – Competência, UC – Projeto Integrador ou outra.

Para aprovação, será necessário considerar a menção da competência e os critérios de frequência, assim o resultado final da Unidade Curricular será **Aprovado** ou **Reprovado**. Veja os exemplos.

Unidade Curricular – Recepcionar e atender clientes no meio de hospedagem	Menção – UC	Frequência – UC
	Resultado UC:	

Registros parciais para acompanhamento do processo de aprendizagem – orientado pelos indicadores da competência

Etapa do processo de aprendizagem	Função	Onde	Registro	Definição
Durante a Unidade Curricular	Acompanhamento do processo de aprendizagem/ desenvolvimento de competências.	Indicadores	A – Atendido	Evidencia o fazer profissional expresso no indicador e as condições descritas em seu contexto.
			PA – Parcialmente Atendido	Evidencia parcialmente o fazer profissional expresso no indicador e/ou as condições descritas em seu contexto.
			NA – Não Atendido	Ainda não evidencia o fazer profissional expresso no indicador nem as condições descritas em seu contexto.
Ao término da Unidade Curricular		Indicadores	A – Atendido	Evidencia o fazer profissional expresso no indicador e as condições descritas em seu contexto.
			NA – Não Atendido	Ainda não evidencia o fazer profissional expresso no indicador nem as condições descritas em seu contexto.

Menção nas Unidades Curriculares

Etapa do processo de aprendizagem	Função	Onde	Registro	Definição
Ao final da Unidade Curricular	Registrar o resultado do desenvolvimento da UC competência e da UC de natureza diferenciada.	Unidade Curricular	D – Desenvolvida	Capaz de desempenhar a competência exigida pelo perfil profissional de conclusão.
			ND – Não Desenvolvida	Ainda não capaz de desempenhar a competência exigida pelo perfil profissional de conclusão.

Resultados finais

Etapa do processo de aprendizagem	Função	Onde	Registro	Definição
Ao final do curso	Registrar o resultado final do curso	Curso	Aprovado	Desenvolveu todas as competências do curso
			Reprovado	Não desenvolveu uma ou mais competências do curso

1.5 O registro do acompanhamento das aprendizagens

Durante todo percurso formativo, há a construção de um histórico qualitativo, constituído pelas aprendizagens dos alunos e pela dinâmica do processo de ensino e aprendizagem. O aluno tem uma parte dessa história, como sujeito que aprende, e o docente a outra, como sujeito mediador. O registro é um memorial, uma fonte rica de informações sobre o progresso de uma trajetória formativa.



REFLITA

Quais as informações que devem constar no registro docente?

Podemos colocar aquilo que "quisermos"?

Conheça algumas características de um registro formativo:

- guarda a memória de uma trajetória formativa;
- é uma fonte importantíssima de informações, tanto para o aluno como para o docente;
- é um instrumento de comunicação. Por isso, é importante considerar o uso da linguagem adequada, acessível a vários interlocutores, inclusive para o aluno;
- é um registro institucional, pode ser acionado a qualquer tempo e às vezes por pessoas que estão fora do contexto local, como auditores, em processos jurídicos e outros. Por isso, é importante o cuidado com o conteúdo do registro, que deve ser realizado com objetividade, respeito e ética.

Cuidado com informações que revelem opinião pessoal ou expressem um julgamento sobre o aluno, como "o aluno é chato", ou informações pejorativas que não contribuem para o processo formativo, como "o aluno é relaxado".

O registro é um documento formal, deve ser realizado conforme orientação da área técnica e de acordo com o que foi estabelecido nas reuniões de planejamento coletivo.

Os registros são efetuados nos documentos institucionais, apresentados anteriormente, físicos ou diretamente no sistema (SS). Esses registros serão utilizados para a emissão de documentos pela secretaria educacional, para o acompanhamento dos alunos, pelos docentes dos cursos e pela área técnica.

1.6 Feedback: devolutivas sobre o avanço das aprendizagens

O feedback ou simplesmente devolutiva é uma justificativa ao aluno sobre o resultado de uma avaliação. Entendemos esse momento como algo muito maior e menos limitado. O feedback é uma estratégia fundamental para regulação da aprendizagem, pois possibilita ao aluno o reconhecimento de sua evolução durante toda a trajetória formativa. É o exercício contínuo da avaliação formativa, dando subsídios para o aluno redirecionar sua participação e desenvolvimento.

A devolutiva pode acontecer naturalmente e continuamente na relação entre educador e educando, durante toda a trajetória formativa, retroalimentando o processo de ensino e aprendizagem. Podemos aprimorar a qualidade dessa ação a partir do aprofundamento de suas características.



REFLITA

Posso realizar uma devolutiva coletiva?

Quando? Apenas quando o aluno apresentar uma dificuldade?

A devolutiva ganhou espaço no âmbito educacional como um complemento, uma ação qualificadora do resultado de avaliação.

Há vários formatos para uma devolutiva formativa, o importante é observarmos as possibilidades de composição de uma devolutiva para que seja contributiva e estimuladora. Portanto:

Esclareça: diga exatamente os aspectos mais relevantes do processo de avaliação, o percurso do desenvolvimento do aluno: Durante esta etapa os objetivos foram etc.

Valorize: a valorização não pode ser um discurso vazio e subjetivo. Ele tem que enfatizar os aspectos mais relevantes do desenvolvimento do aluno para que perceba como evolui dentro do processo: Você demonstrou uma atitude colaborativa em tal situação; Você produziu um texto coerente e reflexivo, etc.

Questione: faça perguntas que o leve a identificar algumas dificuldades ou aspectos percebidos durante o processo, seja nas atividades das situações de aprendizagem seja em alguma situação de avaliação específica: Como você considera o resultado da sua pesquisa?; Como percebe a sua participação nas atividades do grupo? etc.

Sugira: as sugestões completam o diálogo apontam os aspectos que podem ser aprimorados e também as ações que contribuirão para o desenvolvimento do aluno: Sugiro que leia novamente os textos de apoio para...; Que participe mais ativamente das atividades em grupo etc



REGISTRE

A devolutiva não é apenas uma conversa individual, ela pode acontecer em momentos coletivos, voltados para grupo, tanto para cuidar das dificuldades quanto para ressaltar sucessos e avanços, destacando posturas individuais: o grupo realizou a atividade com muita integração de forma colaborativa; alguns assumiram a liderança organizando os processos ... e alguns precisam aprimorar a atuação em determinada área etc.

Muitas vezes o aluno espera com ansiedade o momento da devolutiva, seja por temor, seja por mera ansiedade. A proposta é que nossa mudança de comportamento em relação à avaliação promova mudanças na relação do aluno com as devolutivas.

O docente deverá compor o formato que considerar mais adequado e confortável para a devolutiva a seus alunos. Escrita ou verbalizada, a linguagem deverá ser respeitosa e objetiva. Frases de duplo sentido, muito genéricas ou julgamentos de valor não alcançam o resultado esperado. Pondere sobre o melhor espaço para a conversa, se há necessidade de privacidade e realize o registro da devolutiva.

Indicamos ao docente que realize, pelo menos, duas devolutivas em cada Unidade Curricular. Devolutivas contínuas da evolução favorecem o seu comprometimento com o próprio processo de aprendizagem.

1.7 Ações de recuperação da aprendizagem

O que você pensa quando escuta a palavra recuperação?

É recorrente a ideia de fracasso, de reprovação, resultado do desenvolvimento aquém do esperado. “Estar de recuperação” pode trazer emoções nem sempre positivas ou estimuladoras, a pessoa teme não alcançar as expectativas e vê seu objetivo de formação comprometido.

Neste trabalho, a recuperação insere-se no contexto da avaliação formativa, um processo que visa o desenvolvimento ou a potencialização da aprendizagem que acontece quando percebemos necessidade de outras estratégias para favorecer a aprendizagem. Dessa forma, precisamos cuidar dos aspectos que contribuem para o sucesso desse momento no percurso formativo:

- **acreditar** no avanço das aprendizagens do aluno, mesmo que o ritmo ou as respostas ainda estejam abaixo do esperado. Lembre-se: o objetivo é o investimento na aprendizagem, a certificação é uma decorrência, não podemos desistir de um aluno pela suposição de que ele não terá desenvolvimento suficiente para o alcance da competência ou aprovação na Unidade Curricular;

- **potencializar** a aprendizagem por meio da parceria, pela troca. É importante não isolar o aluno para a busca de sua aprendizagem quando em recuperação. As ações que visam o aprimoramento do aluno são potencializadas quando acontecem em parceria, em grupo, na sala de aula;
- **observar** é manter o olhar sobre o processo de desenvolvimento numa perspectiva formativa, com vista a desenvolver ações que potencializem a aprendizagem. Dessa forma, as ações de recuperação não se concentrarão apenas ao final da trajetória formativa;
- **destacar** nas devolutivas, muito claramente, quais são os aspectos que demandam atenção para que o aluno consiga dar continuidade a sua aprendizagem. Se o aluno tiver consciência do que é preciso aprimorar, poderá contribuir, aprendendo a aprender, facilitando a elaboração do **Plano de Desenvolvimento**.



REGISTRE

As ações de recuperação deverão acontecer continuamente, antes da atribuição do resultado final, o que merece especial atenção do docente, para que o planejamento dessas ações seja feito em tempo hábil e para que o aluno tenha a real oportunidade de aprimorar-se.

Considerados esses aspectos, é preciso definir exatamente o foco da recuperação: As ações a serem desenvolvidas visam o desenvolvimento da aprendizagem ou a melhoria da menção?

Embora os resultados possam parecer semelhantes, o processo possui diferenças marcantes:

Figura 6 – Perspectiva Tradicional versus Formativa



O Plano de Desenvolvimento envolve as estratégias necessárias para o avanço da aprendizagem, como pesquisas, material de apoio, visitas técnicas, redirecionamento dos estudos; e também os atores que podem contribuir e apoiar o processo: docentes, colegas, profissionais da área.

Vejamos algumas possibilidades de recuperação formativa:

Replanejamento

A primeira ação docente para promover a recuperação são as adequações no planejamento para potencializar ou “recuperar” aprendizagens de alunos ou grupo de alunos que apresentam alguma necessidade. O replanejamento deve contar com novas estratégias, linguagens, abordagens diferenciadas para promover a aprendizagem. Nesses casos, todos saem ganhando.

Ações pontuais

Acontece quando identificamos casos isolados de dificuldades que persistem no avanço das aprendizagens, mesmo com a mudança de estratégias. Esses casos demandam maior atenção e ações pontuais, diretamente ligadas ao aluno, privilegiando, sempre que possível, o espaço da sala de aula.

A avaliação diagnóstica deve direcionar a tomada de decisões, mantendo o foco naquilo que é preciso desenvolver e que poderá comprometer ou dificultar a trajetória do curso. A intervenção deve acontecer no momento em que percebemos a necessidade, quanto maior o tempo que o aluno tiver para aprender, maior a possibilidade de sucesso. Assim, é recomendável não aguardar a proximidade de finalização das etapas para iniciar a recuperação.

As ações podem ser de estudo individual, momentos de orientação docente (plantão de dúvidas) e parceria com outros alunos. Com o estímulo à colaboração entre os pares, nesses casos, todos têm resultados satisfatórios.

Recuperação final

A recuperação final acontece quando, mesmo após termos realizado as ações anteriores, é necessária uma intervenção direcionada, planejada e individual para o aluno desenvolver a competência. Nesses casos, é comum uma certa tensão em razão da aproximação da conclusão de uma etapa.

A devolutiva deverá resgatar o percurso formativo, as evoluções e ter objetividade no apontamento das carências. As orientações devem ser motivadoras, ajudar o aluno a organizar seus estudos e a priorizar apenas o que for necessário.

A recuperação final deverá acontecer antes da atribuição da menção da UC.

1.8 A autoavaliação docente

Finalmente, destacamos o caráter formativo da avaliação: um processo contínuo, reflexivo, um ciclo não linear composto pela: ação-observação-reflexão-nova ação, o que evita a mecanização das ações avaliativas.



REFLITA

Esgotei todas as possibilidades mediadoras para a aprendizagem dos alunos?
Como posso aprimorar minha práxis?

A avaliação, nessa perspectiva, envolve a autoavaliação docente, na qual o educador revisita a sua prática, analisa se as estratégias planejadas foram as mais adequadas e se as próximas poderão atingir o resultado esperado.

A autoavaliação docente é fundamental para o equilíbrio do processo formativo, a reflexão e análise de sua práxis aumenta a probabilidade de aprendizagem dos alunos, é o motor que movimenta a regulação das aprendizagens.



REGISTRE

O docente não está sozinho, ele conta com o apoio da equipe técnica e de seus pares para a condução do seu trabalho. A educação acontece em comunhão, é uma rede de parceria de construção colaborativa do conhecimento.

1.9 A autoavaliação do aluno

A autoavaliação é um meio eficiente em que o aluno identifica o que sabe, como aprende e os desafios para sua aprendizagem, contribuindo para o docente promover novas situações de aprendizagem que possam potencializar o seu saber.



REPERTÓRIO

A **metacognição** é um termo muito utilizado na avaliação e pode ser definido como: o conhecimento do próprio conhecimento. A metacognição é a capacidade de perceber o que se sabe, ter consciência sobre a própria aprendizagem. O exercício da metacognição está diretamente ligado à **autoavaliação**.

A autoavaliação é um **espaço aberto**. Por isso, é importante garantir ao aluno ter total liberdade de expressão e confiança, abarcando a crítica sobre processos de ensino e aprendizagem, sobre a ação docente e sobre o desenvolvimento do curso, informações que podem ser registradas em seu portfólio. O aluno precisa sentir e saber que a sua opinião será considerada, o sentimento de confiança trará legitimidade à autoavaliação.

Considero a autoavaliação um recurso fundamental de crescimento para todo ser humano. Um sujeito que não tenha autocrítica sobre si mesmo e suas ações, nunca mudará de posição. Todas as nossas condutas dependem de nossa autocrítica. Nessa perspectiva a autoavaliação é ótima.
(LUCKESI, 2005)

Assim, precisamos incluir, em nosso planejamento, situações de aprendizagem que estimulem a autoavaliação. Portanto:

- Organize estratégias que propiciem a análise das experiências, a autointerrogação (diálogo interno) sobre como resolvemos problemas nas atividades propostas, nas situações de trabalho:

Quais aprendizagens foram mais significativas para você?

Quais atividades foram mais interessantes?

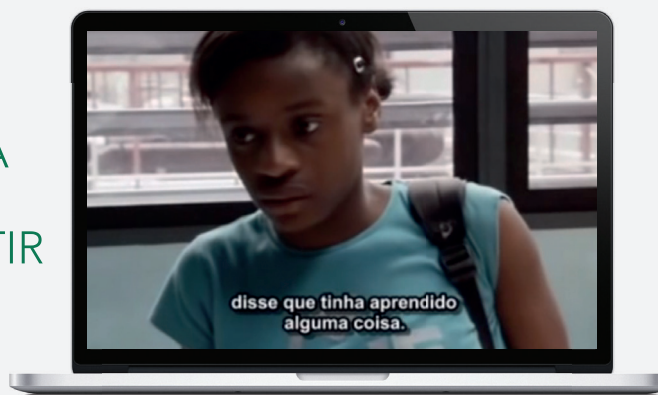
O que falta desenvolver?

Qual a sua sugestão para aprimorarmos essa aprendizagem?

- Estimule espaços naturais, como rodas de conversas e fechamento de atividades (sínteses).



VALE A
PENA
ASSISTIR



Entre os Muros da Escola

Assista a uma das últimas cenas do filme e reflita sobre para que serve o ensino.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=YQ0r6jv-q9U>>.

Acesso em: 22 fev. 2016.

1.10 A Avaliação de pessoas com deficiência

Para a avaliação das pessoas com deficiência, seguimos os mesmos critérios presentes nos Planos de Curso com atenção às necessidades educacionais espe-

cíficas de cada aluno para a promoção de um processo individualizado, que considera a capacidade de desenvolvimento de uma determinada ação profissional. Qualquer tentativa de padronização do processo de avaliação colocará por terra todo o investimento no processo de ensino e aprendizagem.

Toda sala de aula é heterogênea, somos diferentes, todos temos necessidades educacionais específicas para superar e continuar avançando.

Para a promoção de um processo avaliativo que considere, respeite e valorize as diferenças é importante:

- evitar generalizações e padronizações relativas ao desempenho;
- entender o aluno com deficiência. Ele espera que possamos identificar e valorizar seus avanços e que acreditemos na sua capacidade de superação, mas os limites existem para qualquer pessoa, talvez existam ações/aspectos da competência que não serão desenvolvidos. A avaliação formativa indica quais são os aspectos que demandam aprimoramento e as estratégias possíveis para a superação de barreiras. Nesse sentido, o feedback, o acompanhamento do portfólio, bem como a autoavaliação são fundamentais para que alunos e docentes estejam alinhados e comprometidos com os mesmos objetivos.
- promover as adaptações necessárias para que o aluno possa evidenciar a sua aprendizagem:
 - ampliar o tempo de execução das atividades, se necessário;
 - buscar a melhor estratégia para a situação de aprendizagem ou de avaliação, com foco no indicador da competência. A situação de aprendizagem e as estratégias não podem dificultar a participação do aluno e sua avaliação. Se temos como indicador da competência que o aluno precisa demonstrar um certo conhecimento, o importante é que possamos facilitar a expressão da sua aprendizagem de acordo com a sua potencialidade. A característica do instrumento escolhido não pode dificultar a sua participação.

- garantir a acessibilidade necessária para a superação de barreiras. É importante escolher uma estratégia que facilite ao aluno a expressão das suas aprendizagens.
- construir um Plano de Desenvolvimento, caso seja necessário uma intervenção mais adequadas à superação das dificuldades encontradas. O Plano de Desenvolvimento envolve as estratégias necessárias para o avanço da aprendizagem, como pesquisas, material de apoio, visitas técnicas, redirecionamento dos estudos; e também os atores que podem contribuir e apoiar o processo: docentes, colegas, profissionais da área.

O Plano de Desenvolvimento contribui para que se possa identificar onde há maior facilidade e dificuldade de aprendizagem. O plano pode indicar a necessidade de mudanças importantes no percurso, como a ampliação do tempo de conclusão do curso, com planejamento da distribuição das competências ao longo do percurso formativo.



SAIBA MAIS

Para saber mais sobre esse tema, leia:

- A educação Profissional no contexto da Educação Inclusiva, de Rosilene Oliveira Costa. Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, 2016.
- Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?, de Maria Teresa Égler, 2003.

2. PROCESSO DE PLANEJAMENTO DA AVALIAÇÃO



REFLITA

Como dar início ao processo de planejamento da avaliação?

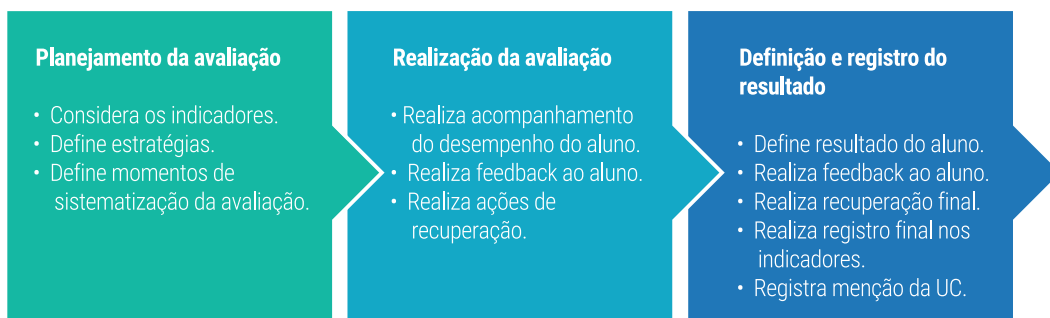
O planejamento da avaliação deve ter início com a observação sobre o gradativo desenvolvimento da competência. O ponto de partida para a avaliação é a **competência**.

Relembre:

- É com base na **competência** que se desdobram as ações educativas, as situações de aprendizagem.
- Os **elementos** são os insumos, os conteúdos que enriquecem as atividades e são mobilizados pelas situações de aprendizagem para desenvolver a competência. Cada situação de aprendizagem apresenta desafios que levam o aluno a pensar, refletir e agir.
- Os **indicadores** norteiam a observação, trazem objetividade e foco para análise e acompanhamento.

Considerados esses aspectos, pense no planejamento da avaliação da seguinte forma e contexto:

Figura 7 – Planejamento da avaliação



2.1 Estratégias para avaliação da aprendizagem

Todo processo de ensino e aprendizagem é passível de avaliação. Não precisamos, necessariamente, ter situações específicas para avaliação. As situações de aprendizagem nos trazem insumos importantes que revelam aprendizagens. No entanto, elaborar situações de avaliação podem facilitar a tomada de decisões, ou confirmar as peculiaridades do desenvolvimento.

Como você já sabe, as situações de aprendizagem são um conjunto organizado e articulado de ações que visam a construção de determinado(s) saber(es) ou ao desenvolvimento de uma ou mais competências. Quando voltadas à avaliação, são ações planejadas de forma a sistematizar a avaliação da aprendizagem, permitindo evidenciar o nível de desenvolvimento em que a competência se encontra. Durante o seu planejamento, nossa atenção deve voltar-se à intencionalidade da escolha das atividades, podendo ser apenas uma estratégia dentro de uma situação de aprendizagem, ou uma situação voltada para a avaliação.

Lembre-se: como atuamos no âmbito da avaliação formativa, as ações educativas devem, sempre, contribuir para a evolução das aprendizagens.

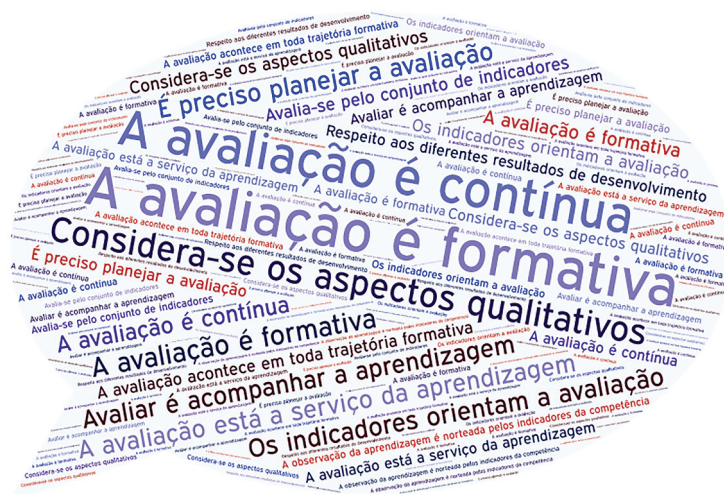


REGISTRE

- A avaliação deve estar a serviço da aprendizagem do estudante – leve em conta o contexto cultural, social e produtivo no qual está inserido.
- A competência deve ser avaliada em toda sua complexidade, não apenas aferindo os fazeres profissionais descritos nas competências de forma instrumental.
- As estratégias avaliativas devem considerar essa complexidade, atestando o desenvolvimento pleno do estudante, ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

Como vimos, a avaliação da aprendizagem é muito maior que a mensuração de resultados de desempenho. Ela se insere em um **movimento** cíclico, predominantemente **formativo**, que deve contribuir ativamente para construção e reconstrução do planejamento, já que as informações retroalimentam o processo de construção do conhecimento.

Figura 8 – Movimento da avaliação



É necessário pensar para além dos instrumentos de avaliação. É preciso refletir, principalmente, sobre as finalidades do processo avaliativo.

Assim, as situações ou estratégias de avaliação devem:

- ser realizadas ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem, integrando-se às situações de aprendizagem;
- ser aplicadas em qualidade e quantidade que possibilitem verificar todos os indicadores definidos;
- ser diversificadas, priorizando aquelas que desafiem os alunos a mobilizar os elementos da competência e as marcas formativas;
- evitar a abordagem de apenas um dos elementos (conhecimentos, habilidades e atitudes/valores).



SAIBA MAIS

Para aprofundar seus estudos sobre esse assunto, leia:

- Diversificar é preciso – Instrumentos e técnicas de avaliação da aprendizagem, de Léa Depresbiteris e Marialva R. Tavares, Editora Senac, São Paulo.
- Educação profissional e práticas de avaliação, de Jurandir Santos, Editora Senac, São Paulo.

2.1.1 Sugestões de estratégias para avaliação da aprendizagem

Para orientar o seu planejamento, neste item, apresentamos algumas sugestões de estratégias para avaliação da aprendizagem.

A prova ou teste escrito

A prova ou teste escrito é um dos instrumentos mais tradicionais da avaliação. Aliás, em muitos modelos educacionais, a prova é quase um sinônimo do processo de avaliar.

Sim, é permitido o uso da prova e até recomendável, em alguns casos.

A prova é um bom instrumento para aferir resultados. Porém, **não é o instrumento principal e único**. E mais: ela precisa estar inserida no âmbito da aprendizagem, ou seja, a sua elaboração deve responder à pergunta sobre o que aprenderemos ao realizar uma prova, já que o contexto é de uma avaliação formativa.

É importante conhecermos os tipos de provas, o objetivo de sua aplicação e as possibilidades de elaborarmos um bom instrumento.

Os itens de uma prova deve mobilizar e articular os elementos (conhecimentos, habilidades e atitudes/valores).



REGISTRE

- Uma prova deve trazer com muita clareza o que é esperado como resposta; pegadinhas ou questões pouco precisas podem prejudicar a compreensão e a resolução das questões.
- Ao elaborar as questões é importante, além da objetividade, cuidarmos da extensão e amplitude da pergunta. Questões muito amplas, extensas podem comprometer a compreensão dos alunos e gerar distorções nas respostas.
- Pense no tempo de respostas de uma questão, até mesmo no nível de complexidade ou dificuldade que possa gerar. Lembre-se: uma prova não é um instrumento de repressão, mas um instrumento que deve facilitar a evidência das aprendizagens. Conforme Santos (2010), uma boa prova deve estimular o pensamento, gerar energia, aflorar os saberes e dar abertura a novas possibilidades ou provocar indignação, quando necessário.
- Uma prova escrita pode ser elaborada com itens diferenciados como: lacunas para preenchimento, associação ou correspondência de conceitos ou informações; questões que solicitam a análise de verdadeiro ou falso; múltipla escolha; questões que solicitem respostas dissertativas etc.

A prova operatória

Uma prova “operatória” só tem sentido se tivermos uma “situação de aprendizagem operatória”, ou seja, discutirmos amplamente sobre situações de aprendizagem, na perspectiva de uma metodologia ativa de aprendizagem, que estimule os alunos a resolverem desafios e construam seu conhecimento. Uma prova operatória propicia aos alunos estabelecer relações com temáticas significativas, estimulando o pensar, a criticidade, a reconstrução da aprendizagem. Conforme Depresbiteris (2009), a prova operatória é um momento de aprendizagem:

O que mobiliza mais “esforço” cognitivo: citar elementos ou relacioná-los com algo? Comparar conceitos ou explicá-los? Listar uma série de informações ou selecionar estabelecendo relações? (DEPRESBITERIS, 2009)

Nessa perspectiva, uma prova é operatória quando ela mobiliza operações mentais mais complexas, quando o esforço cognitivo é mais amplo. Podemos considerar ações operatórias: analisar, classificar, comparar, conceituar, criticar, generalizar, interpretar, relacionar (fazer relações), levantar hipóteses, sintetizar etc.

Essas ideias têm por finalidade contribuir para a elaboração de instrumentos significativos, objetivos que contribuam para que os alunos exercitem o pensar e, principalmente, contribuam para articulação de saberes, avançando para a mera verificação de apreensão de conteúdo, de conhecimentos técnicos científicos de forma isolada.

Uma prova operatória pode sugerir a resolução de um problema, que pode nascer de situações reais que estimulam a dúvida, o levantamento e a comprovação de hipóteses, a relação de conceitos, o confronto de ideias.

Para a elaboração de um problema, é importante considerar:

- a contextualização: deve estar inserido em cenários significativos para trazer maior significado para o aluno;
- a abrangência: deve propiciar diversos pontos de vista quando da análise e resolução.

Os alunos podem buscar os materiais de estudo para a resolução, já que uma prova operatória exige muito mais do que a transcrição de informações.

Exemplo de uma questão operatória:

"São Paulo, a maior cidade do país não tem onde depositar o lixo doméstico e comercial de seus mais de 10 milhões de moradores. A metrópole está sem aterro próprio desde novembro de 2009. Cada paulistano produz 351,41 kg de lixo por ano, em média, quem viver até os 70 anos terá descartado 25 toneladas de detritos. Especialistas advertem para a necessidade urgente de gestão do lixo e tratamento para evitar o caos e o enfrentamento de uma "crise do lixo" Analise o tipo de sociedade citada no texto com o(os) fator(res) que gera(m) a "crise do lixo".

Explique as consequências para o meio ambiente e para a convivência na cidade. (Deprebiteris, 2009. p. 95)

Essa questão mobiliza a articulação de informações e sua análise, relacionando-as entre si. Percebemos a articulação de elementos da dimensão do conhecimento já que suscita saberes sobre lixo e meio ambiente, habilidades de análise articuladas com atitude e valores. E, finalmente, a questão está contextualizada com um cenário real, o que contribui para a compreensão e reflexão crítica que pode resultar em novas soluções para o problema.

Conheça a seguir outras sugestões de estratégias para avaliação da aprendizagem.

ESTUDO DE CASO

Descrição

É a análise de situações, problemas ou casos reais, diretamente ligados a um desafio relativo à competência para o levantamento de dados e para a busca de possíveis soluções.

Os alunos entram em contato com uma série de casos que representem situações reais e desafiadoras que envolvam tanto o contexto pessoal como profissional do qual fazem parte. Com base nesse contato, os alunos são convidados a desenvolver soluções para possíveis problemas de caráter complexo. Explique as consequências para o meio ambiente e para a convivência na cidade.

Objetivos

Investigar, interpretar, resolver, elaborar hipóteses, refletir.

Organização

Coletivo: em pares, trios, grupos.

Detalhamento

Antes de apresentar um caso, é necessário tentar responder às seguintes perguntas:

- Qual o problema central que envolve o caso?
- Convém elaborar questões para facilitar a análise e discussão?
- Será necessário o exercício da pesquisa para subsidiar a resolução?
- Conhecemos situações semelhantes que nos ajudem a refletir?
- É possível buscar outros casos, pessoas, empresas que tiveram situações semelhantes e analisar as soluções encontradas?

Recomendações

É necessário que o aluno conheça, discuta e compreenda o que é estudo de caso, sua finalidade e suas limitações.

É necessário pensar em situações que estejam contextualizadas e possam tornar-se significativas para os alunos.

Outra opção que facilita essa estratégia é, antes da aula planejada, deixar com os alunos alguns questionamentos para levantarem hipóteses sobre o caso a ser estudado. As questões também podem vir dos próprios alunos.

Uma aula planejada assim, representa compromisso e promove interatividade entre os colegas e, certamente, discussões positivas para reinventar soluções ou novas respostas ao problema, as quais posteriormente poderão ser apresentadas no quadro ou relatório.

Adequações necessárias – alunos com deficiência

- Será necessário garantir o acesso aos materiais que subsidiarão a discussão dos casos.
- Os intérpretes de LIBRAS facilitarão a comunicação entre os alunos. Importante prestar atenção para que o aluno surdo possa participar ativamente, dando a ele voz e vez, com especial atenção para o momento em que ele quiser se manifestar.

Avaliação

- Os alunos devem conhecer os objetivos de aprendizagem ao discutirem os casos propostos.
- O docente deve apresentar quais critérios serão levados em conta na avaliação; elaborar alguma atividade prévia antes da discussão do caso; propor tarefas antes do início da análise dos casos, como: resumo, mapa conceitual...; instigar a participação dos alunos na discussão (intervenções, questionamentos, motivação aos colegas para participar...) e realizar atividades posteriores à discussão do caso (resumo, conclusão individual...).

Orientação para os alunos

- Participar ativamente das atividades;
- Definir as responsabilidades dos participantes na realização das atividades;
- Organizar o tempo de realização;
- Sistematizar a discussão;
- Avaliar a atividade (alcance dos objetivos esperados);
- Avaliar o desenvolvimento (identificar as aprendizagens individuais e a do grupo).

Recursos

Pesquisas.

Observações

É recomendável ao docente registrar a avaliação ao longo do processo.

OBSERVAÇÃO

Descrição

Consiste na observação criteriosa e sistemática do processo de evolução da aprendizagem bem como da identificação de dificuldades e habilidades na resolução dos desafios educacionais, para intervenção formativa. A observação visa o levantamento de informações sobre a aprendizagem dos alunos.

Objetivos

Investigar, interpretar, analisar, refletir.

Organização

Coletivo/individual.

Detalhamento

A observação deverá buscar elementos globais de desenvolvimento e também os específicos, de acordo com os objetivos esperados, ou seja, a observação trará informações abrangentes e específicas à aprendizagem esperada.

Orientações

- Deve acontecer durante todo processo de ensino e aprendizagem.
- Deve se nortear pelos objetivos predefinidos no planejamento das situações de aprendizagem, ou situações de avaliação.
- Deve ser registrada e sistematizada para que possa ser acompanhada por docentes e alunos.
- Deve apresentar uma linguagem clara, sucinta e relacionada com os objetivos esperados. Pode-se usar instrumentos de registros para facilitar a sistematização da observação, ou relatórios, anotações em portfólio etc.
- Deve explicitar aos alunos os indicadores da competência que nortearão a avaliação da aprendizagem.

Adequações necessárias – alunos com deficiência

O docente deverá estar atento às potencialidades do aluno e aos possíveis impactos de uma determinada deficiência para a realização de uma atividade.

Orientação para os alunos

Os alunos devem ser informados sobre a observação da aprendizagem para que compreendam a importância de um acompanhamento contínuo, dialógico e formativo.

Recursos

Instrumentos de registro (não obrigatório).

Observações

É recomendável cuidado, critério e ética no conteúdo das anotações.

PROVAS SITUACIONAIS OU EXAMES PRÁTICOS

Descrição

São simulações, exercícios ou técnicas em que o desafio se apresenta em forma de ação executável, ou seja, o aluno tem de fazer, demonstrar, colocar em prática uma determinada ação da competência, de acordo com as condições ou requisitos de uma situação real.

Objetivos

Realizar, planejar, criar/recriar, reproduzir.

Organização

Coletivo/individual.

Detalhamento

A análise da atividade deverá buscar a articulação dos elementos (conhecimentos, habilidades, atitudes/valores) de acordo com os objetivos esperados.

Orientações

- A orientação sobre a atividade deverá deixar claros os objetivos esperados, bem como os critérios para sua realização.
- O tempo para a realização deverá ser suficiente para o planejamento e execução.
- As observações sobre a atividade devem ser registradas e sistematizadas para que possam ser acompanhada por docentes e alunos.
- A orientação sobre a atividade deverá explicitar aos alunos os indicadores da competência que nortearão a avaliação da aprendizagem.

Adequações necessárias – alunos com deficiência

O docente deverá estar atento às potencialidades do aluno e aos possíveis impactos de uma determinada deficiência para a realização de uma atividade.

Orientação para os alunos

Os alunos devem ser orientados com muita clareza para que possam estar atentos ao planejamento, aos critérios esperados para a execução, para o tempo necessário à atividade, para os indicadores que nortearão a avaliação.

Recursos

Instrumentos de registro (não obrigatório).

Deverão ser solicitados com antecedência de acordo com a natureza da atividade.

Observações

É recomendável o cuidado, critério e ética no conteúdo das anotações.

DIÁRIO DE BORDO

Descrição

Consiste em anotações orientadas para a sistematização de aprendizagens. São textos sucintos e informais, nos quais os alunos podem evidenciar as facilidades e dificuldades da trajetória formativa, bem como revelar quais as aprendizagens mais significativas.

Os diários contribuem para a ampliação do espectro da aprendizagem, pois surgem aspectos não esperados da aprendizagem, bem como peculiaridades que ajudarão o docente em seu planejamento. Para o aluno, o diário favorece a síntese da aprendizagem, sendo um elemento enriquecedor do portfólio.

Objetivos

Sistematizar, analisar, refletir.

Organização

Individual.

Detalhamento

A observação deverá buscar elementos globais de desenvolvimento e também os específicos, de acordo com os objetivos esperados, ou seja, a observação trará informações abrangentes e específicas à aprendizagem esperada.

Orientações

- Acompanhamento dos registros no Diário de bordo, mesmo que não seja possível a realização de devolutivas individuais (podem acontecer de forma coletiva).
- Os alunos devem ser orientados sobre a importância, as características esperadas para o registro, bem como seus objetivos.

Adequações necessárias – alunos com deficiência

- O docente deverá estar atento às potencialidades do aluno e aos possíveis impactos de uma determinada deficiência para a realização de uma atividade.

Orientação para os alunos

Os alunos devem ser informados sobre a observação da aprendizagem para compreenderem a importância de um acompanhamento contínuo, dialógico e formativo.

Recursos

Instrumentos de registro.

Observações

É importante aos alunos saberem que seus diários serão lidos e considerados pelo docente.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Julio Groppa. (Org.) Diferenças e Preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

BLAYA, Carolina. Processo de Avaliação. Disponível em: http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/2004_07_20_tex.htm. Acesso em: 24 de setembro de 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino de 1ª e 2ª Graus. Thereza Penna Firme. Avaliação e aprimoramento curricular. 2. ed. Brasília 1980. 44 p. (Série Ensino Regular, 16). Entrevista com Thereza Penna Firme. Disponível em: <<http://www.futuroeventos.com.br/noticias/integra.php?id=481>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

DEPRESBITERIS, Léa. Avaliação educacional em três atos. São Paulo: Senac, 1999.

DEPRESBITERIS, Léa; TAVARES, Marialva Rossi. Diversificar é preciso: instrumentos e técnicas de avaliação da aprendizagem. São Paulo: Senac, 2009.

FERREIRA, Maísa Brandão. A avaliação formativa no contexto da sala de aula. Texto elaborado para oficina de avaliação desenvolvida no primeiro semestre de 2012, EAPE.

GIL, Antonio Carlos. Didática do ensino superior. São Paulo: Atlas, 2006.

HOFFMAN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993.

_____. Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HADJI, Charles. Avaliação Desmistificada. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RONCA, Paulo Afonso C. & TERZI, Cleide do Amaral. A prova operatória. São Paulo: Instituto Esplan, 1991.

RIOS, Terezinha Azerêdo. A Importância dos Conteúdos Socioculturais no Processo Avaliativo. Em Série Ideias, n. 8. São Paulo: FDE, 1998. Disponível em: <http://www.crmario-covas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p037-043_c.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SANTOS, Jurandir. Educação profissional e práticas de avaliação. São Paulo: Senac, 2010.